**Chamada de Trabalhos PSi #30**

**Conferência PSi #30: XXX Cruzo, Cruising, Encruzilhada**

Fortaleza, Brasil  
11 a 15 de dezembro de 2025

**Performance Studies international (PSi)**, em colaboração com o Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará, convida à submissão de propostas para a **Conferência PSi #30**, que ocorrerá em dezembro de 2025, em Fortaleza, Brasil.

**Tema da Conferência: XXX — Cruzo, Cruising, Encruzilhada**

Múltiplos sentidos do “cruzar” animam o PSi #30. Como marca escrita, os três Xs do numeral romano que representam "30" articulam um referente visual e polissêmico a invocar diversas e contraditórias forças linguísticas e culturais: censura, segredo, mistério, anonimato, apagamento, rasura, uma variável algébrica, um valor desconhecido, gênero não-binário, recusa, afasia, desordem, erro, caminhos interseccionais, diagonais que se cruzam, ângulos que proliferam, multiplicação, falta, bloqueio, perigo, sexo explícito, um ponto sagrado, “algo”, “coisa”, o inespecífico, um alvo, um tesouro, o voto, o beijo (em inglês).

Essa indecidibilidade do “x” não significa imprecisão, mas complexidade. Ela reflete a diversidade e os conflitantes modos de recepção e mobilização dos Estudos da Performance na América Latina. Para alguns, um novo vetor de colonização acadêmica; para outros, um marco subversivo que desafia a colonialidade acadêmica. Sob a perspectiva da *encruzilhada*, que esta conferência busca abraçar, a energia vibrante gerada pelo paradoxo posto pelo “XXX” é mais fértil do que qualquer tentativa de apaziguamento conclusivo.

**Cruzo**

Na interseção das perspectivas cosmopolíticas afro-diaspóricas e indígenas que estruturam o sistema religioso-filosófico da Umbanda no Brasil, o *cruzo* emerge como ação tática de leitura e de construção de mundos. Referindo-se literalmente ao ponto onde dois caminhos se cruzam, *cruzo* também é entendido como um verbo: fazer *cruzo* é impregnar potencialidade mágica e política em um texto, um signo, uma imagem, um corpo. Avesso a qualquer sentido de dualismo, a operação do *cruzo* transforma a coisa, imbuindo-a de dinamismo, imprevisibilidade e potencialidade. Por isso talvez seja um princípio associado a Exu/Èṣù e Pombagira, os guardiões dos caminhos que conectam humanos e divindades, e em última instância os responsáveis por abrir e fechar todas as vias e possibilidades de comunicação e criação.

Há muitas qualidades e manifestações de Exu em diferentes tradições espirituais no Brasil, mas ao narrar a origem de Igbá Ketá, Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino ajudam a ilustrar o potencial teórico e metodológico do *cruzo* para desafiar os regimes hegemônicos de verdade e de lógica:

*Em certa feita Exu foi desafiado a escolher, entre duas cabaças, qual delas levaria em uma viagem ao mercado de Ifé. Uma continha o bem, a outra continha o mal. Uma era remédio, a outra era veneno. Uma era corpo, a outra era espírito. Uma era o que se vê, a outra era o que não se enxerga. Uma era palavra, a outra era o que nunca será dito. Exu pediu imediatamente uma terceira cabaça. Abriu as três e misturou o pó das duas primeiras na terceira. Balançou bem. Desde este dia, remédio pode ser veneno e veneno pode curar, o bem pode ser o mal, a alma pode ser o corpo, o visível pode ser o invisível e o que não se vê pode ser presença, o dito pode não dizer e o não dito pode fazer discursos vigorosos. Exu virou assim o Igbá Ketá: Senhor da Terceira Cabaça. É com ela que ele caminha pelo mercado, com o passo gingado, o filá, o cachimbo e o flautim.*

*Cruzo* nos fornece então um primeiro princípio de não-binarismo, inversão, impureza, incerteza crítica. Também de transgressão, acumulação e convergência, território de Exu, com o qual esperamos que os Estudos da Performance se contaminem em sua jornada pela América Latina. No rescaldo do colonialismo, que para muitos de nós é apenas sua longa duração, *cruzo* produz “encantamento”, porque amplia o presente para incluir temporalidades paradoxais e a coexistência de múltiplas cosmovisões. *Cruzo* é o feitiço que transforma conhecimento em uma dança que engana a razão universal, uma dança que preenche a ferida deixada pela violência colonial com potencial corporificado, fazendo proliferar caminhos e possibilidades.

**Cruising**

O cruzamento das fronteiras geopolíticas e formações de conhecimento no modo tático do *cruzo* não acontece imune à economia libidinal e ao desejo. Inspirados por José Muñoz, convidamos a força epistêmica do *cruising* como uma postura crítica queer, que abraça os contornos libidinais do conhecimento e da política. Assim como em Muñoz, *cruising* não é apenas, e nem principalmente, referência restrita a práticas sexuais de homens gays – embora seja claro que estas criam um excitante espaço para a transgressão. *Cruising* aqui aparece como um modo mais inclusivo de relação que o *queer* proporciona em seu enlace inevitável entre desejo e política. É um conceito operativo que dá acesso ao cruzamento entre o que Muñoz chamou de desejo por política ao lado da política do desejo.

Nesse enlace, *cruising* é também uma forma de *cruzo*: para artistas e pesquisadorxs latine-americanes, aproximar-se das teorias, instituições e legados metropolitanos dos Estudos da Performance através do flerte e da sedução é um modo tático de desarmar relações de poder já postas antes de qualquer encontro. Por meio do *cruising*, a performance deixa de ser “objeto de estudo” e se torna “objeto de desejo”, com toda a promessa e antecipação que este último transporta. Da mesma forma, os Estudos da Performance se reconfiguram, e deixam de ser apenas um campo transdisciplinar de estudos para se transformar em um modo de desejar, de esfregar ideias e conceitos juntos e cruzar relações. Evocar o *cruising* é também trazer à tona a radiante teorização do prazer que tem ocorrido ao longo da história da performance negra e indígena no Brasil, incluindo o carnaval, o samba, a capoeira, o jongo, o brega funk, o forró, a “malandragem”, a “vadiagem”, os quais articulam, cada um a sua maneira, recusas performativas dos protocolos racistas e cis-hétero-patriarcais da colonialidade.

**Encruzilhada**

A *encruzilhada* é território de Exu e Pombagira, lugar litúrgico de descarrego do fardo pesado do desencanto colonial. É também uma figura poética, filosófica e política de diálogo, de coexistência e de embaraço. Mas *encruzilhada* também é ameaça e perigo. Ela desloca as conotações conciliatórias que já foram associadas ao “sincretismo” e à “amalgamação”, em favor das tensões e dos conflitos evocados pelo cruzamento de trilhas, histórias e perspectivas.

Nas palavras de Ventura Profana: “fizemos da cruz, encruzilhada”. Para Leda Maria Martins, indispensável estudiosa da performance negra no Brasil, a população afro-brasileira, em virtude de ter sua conexão material imediata com o lugar de origem cortada pela escravização, reinscreveu sua memória nas formulações cruzadas do conhecimento, que são também cruzamentos de temporalidades e territórios. É assim que passado e presente, ou África e Brasil, emergem como construções cruzadas/tramadas na cultura performativa da diáspora africana por aqui. Daí a *encruzilhada* ser um princípio tão fundamental nos sistemas religiosos afro-brasileiros, como Umbanda e Candomblé, na visão de Leda Martins: na diáspora negra, o conhecimento ancestral está sempre se cruzando com os recém-adquiridos, línguas ancestrais e novas, crenças ancestrais e novas, formas ancestrais e novas de combate. Além disso, como o território dinâmico já mencionado de Exu e Pombagira, espiritualidades da mediação, da comunicação e do transporte, a *encruzilhada* produz o corte que conecta diferentes direções, entre África e as Américas, bem como entre passado, presente e futuro em espiral. Tal figura de tradução radical e de diálogo entre tempo e espaço, entre norte e sul, entre tradições, línguas e hemisférios, será a figura central, codificadora e proliferante do PSi #30.

Sediar a conferência do Performance Studies International na América Latina pela primeira vez, especialmente na cidade periférica de Fortaleza, é o lançamento de um triplo X, um triplo feitiço: simultaneamente um *cruzo*, um *cruising* e uma *encruzilhada*.

**Formatos de Apresentação**

A conferência aceita propostas em inglês, português ou espanhol para participação presencial, online ou híbrida, nos seguintes formatos:

* Apresentações e mesas redondas (90 minutos);
* Artigos individuais: presencial (20 minutos); online (12–15 minutos);
* Performances e/ou instalações (03–30 minutos, com suporte técnico mínimo);
* Sessões de laboratório/workshop (90 minutos).

Envie sua proposta de artigo (máx. 250 palavras), mesa redonda (máx. 600 palavras), performance ou workshop (máx. 500 palavras) em formato Word ou PDF até **1º de dezembro de 2024**, no link: <https://forms.gle/DESadCo3gGcVobVW8>.

Atenção, por favor: todas as pessoas candidatas devem fornecer comprovante de filiação ao PSi antes de submeter suas candidaturas. Para se filiar ou renovar sua filiação, acesse: <https://www.psi-web.org/membership>.

A taxa de filiação anual custa US$ 25 ou US$ 50.

**Subtemas da Conferência**

As apresentações serão organizadas de acordo com os seguintes subtemas:

* Filosofias, estéticas, políticas e pedagogias da encruzilhada;
* Sentidos do cruzar na teoria e na prática da performance;
* Anti-dualismos nos estudos da performance;
* Estratégias contracoloniais em arte, vida e teoria;
* A pesquisa artística como encruzilhada;
* Políticas e estéticas do encantamento;
* Políticas e estéticas do prazer;
* O *cruising* nos estudos e na arte da performance
* Desejo por política e política do desejo;
* Figuras teóricas e artísticas do embaraço;
* Espiritualidades não normativas;
* Performances de vitalidade, revitalização, vitalismo;
* Encruzilhadas do queer;
* Políticas e poéticas da delinquência;
* Perspectivas cosmopolíticas afro-diaspóricas e indígenas na performance;
* Perspectivas hemisféricas nos estudos da performance;
* Encontros transculturais e metodologias transdisciplinares;
* Contradição, paradoxo e inconclusão na performance.

Para mais informações, entre em contato pelo e-mail: [psi30.crossroads@gmail.com](mailto:psi30.crossroads@gmail.com)

**Equipe organizadora**:

Presidente:

Pablo Assumpção Barros Costa, Universidade Federal do Ceará

Comité Directivo:

Eleonora Fabião, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Denise Ferreira da Silva, New York University

Christine Greiner, PUC-São Paulo

Sérgio Andrade, University of Amsterdam

Marcos Davi Steuernagel, The New School

Felipe Ribeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro

André Lepecki, New York University

Clarissa Diniz, pesquisadora e curadora independente

Yuri Firmeza, Universidade Federal do Ceará

Francis Wilker, FUNARTE e Universidade Federal do Ceará

Se você deseja saber mais sobre futuras parcerias ou conferências com o PSi, entre em contato com Serap Erincin: [VicePresident@psi-web.org](mailto:VicePresident@psi-web.org)

**Referencias:**

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

Ventura Profana, “Eu não vou morrer”: <https://www.youtube.com/watch?v=MWZPd5EcJO8>

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.